

Bancos querem País mais aberto

1-E NOV 1984

FROTA NETO
Correspondente

Divida Ext

Genebra — “Para que o Brasil saia da crise é preciso que continue o crescimento econômico dos Estados Unidos”. Isso foi o que afirmou ontem o banqueiro Georges Blum, diretor geral do **Societe de Banque Suisse (SBS)**, um dos mais importantes bancos da Europa. Durante o almoço anual que a direção do SBS teve com a imprensa em Genebra, Blum fez uma rápida análise da economia do Brasil. Elogiou “a capacidade de reagir do povo brasileiro”. Convidou o governo do Brasil “a ser mais liberal com os investimentos externos”. Mas, apesar de acompanhar a situação política no país evitou comentar sobre a corrida à sucessão presidencial.

Para o banqueiro suíço a sucessão presidencial no Brasil tem tantos aspectos a considerar que é preferível não emitir qualquer juízo. O que não impedirá Georges Blum de já no próximo ano estar de visita ao Brasil para ver mais de perto como se processa o “ajustamento econômico”. Por seu diagnóstico sobre o caso brasileiro “o pior da crise já passou” e “as condições psicológicas favoráveis foram restabelecidas”.

A ENTREVISTA

Após presidir o encontro do SBS com a imprensa em que fez um balanço das atividades do seu banco e as perspectivas internacionais, Blum foi indagado sobre o Brasil. O banqueiro iniciou sua apreciação com a seguinte afirmativa: “Eu havia pensado que a capacidade de reagir do povo brasileiro tinha chegado ao limite extremo. Mas pelos depoimentos que me chegam sei agora que essa capacidade de reação é muito maior do que eu imaginava e está sendo fundamental para resolver a crise. Apesar de algumas hesitações, o conjunto econômico apresen-

ta um desempenho positivo de que é exemplo o que está acontecendo com a agricultura”.

Para Blum “o caso do Brasil se integra na evolução geral da América Latina. O clima mudou muito. Para melhor. Não há mais a tensão que havia quando estourou a crise do endividamento do México. O Brasil conseguiu realizar verdadeira proeza, demonstrada com a obtenção do excedente de 12 bilhões de dólares na balança comercial, o que acho será possível ser repetido no próximo ano”. Quanto às negociações iniciadas ontem em Nova Iorque entre o governo do Brasil e os bancos privados para reescalonar uma parcela (49 bilhões de dólares) da dívida com vencimento próximo, disse Blum: O fato do Brasil não estar pedindo dinheiro novo e estar alongando o perfil de sua dívida, tudo isso contribui para restabelecer o clima de confiança no Brasil. As condições psicológicas favoráveis foram restabelecidas.

Blum destacou que a inflação alta (previsão de 150% para 1985) se constitui um problema. Ele acha, porém, que o governo não deve procurar a implementação de soluções a longo prazo, pois medidas impositivas de curto prazo não resolvem nada efetivamente. Segundo ele, um dado é fundamental no atual processo de ajustamento: o Brasil está em condições de voltar a receber fluxos de capitais externos a médio e a longo prazos. Mas para isso, frizou ele, o Brasil deve ser mais liberal em termos de recebimento dos investimentos externos e ainda quanto ao exportador estrangeiro.

“Com a volta do fluxo de capitais e com a melhoria do comércio mundial, o Brasil será ajudado na construção de sua saída para a crise”. Mas é aí que reside sua principal advertência e condicionante: “Nisso tudo é preciso que o crescimento

econômico continue nos Estados Unidos”. Quanto à uma possível paralisação durante essa fase pré-sucessória, Georges Blum reconheceu que quase sempre isso acontece nos países em desenvolvimento. Há o que ele denominou de “arteriosclerose temporária” com as estruturas de decisão se tornando rígidas até que um novo governo se instale definitivamente. O que pode levar a um agravamento da crise. No caso, brasileiro, ele fez uma ressalva. Acha que a equipe econômica atual citou Galvêas, está procedendo nas negociações da dívida muito mais e melhor do que aconteceu com a equipe mexicana quando da sucessão presidencial naquele país.

DÍVIDA E JUROS

Apesar do otimismo demonstrado pelo banqueiro suíço a perspectiva mundial deve ser encarada com certa cautela pelo Brasil. Pouco antes das declarações de Blum sobre o “caso brasileiro”, os jornalistas ouviram também dele uma análise da direção do SBS sobre a situação internacional. Por essa análise “o pavio da crise do endividamento foi apagado. Mas o problema ainda está longe de ter encontrado uma solução definitiva. Além do mais, a retomada conjuntural, que contribuiu para melhorar a situação das empresas e dos estados, repousa sobre um equilíbrio monetário ainda frágil”.

Em tais termos e moldura deve ser embutida uma outra projeção dos meios financeiros, com a qual concorda o diretor do SBS, Georges Blum: A tendência de queda dos juros internacionais (nos EUA) poderá se manter por todo o primeiro trimestre de 1985. Pelo menos será mantida até janeiro. Mas novos movimentos de alta das taxas de juros deverão voltar a ocorrer nos Estados Unidos.